

## A teoria do valor de Marx e a interpretação da forma do valor



Por **MICHAEL ROBERTS\***

*A relevância e a importância de um debate que pode parecer obscuro para muitos leitores de Marx*

Como mencionei em uma nota recente em meu blogue *The next recession*, na conferência Historical Materialism em Londres, em novembro de 2023, foi lançado o novo livro de Fred Moseley, *Marx's Theory of Value*. Ele discute como interpretar o primeiro capítulo de *O Capital*. E faz uma crítica à interpretação de Michael Heinrich no que se refere à forma valor. Michael Heinrich e Winfried Schwarz (marxista alemão crítico da interpretação de Heinrich) participaram da apresentação do livro.

O livro de Moseley é um exame da teoria do valor de Marx contida no capítulo 1 de *O capital*, quase parágrafo por parágrafo nas seções 1 e 2, e uma crítica detalhada da interpretação de Heinrich sobre o valor enquanto forma de valor, conforme apresentado em seu livro de 2021, *How to Read Marx's Capital*, que é uma tradução de seu livro de 2018 *Wie das Marxsche Kapital Lesen?*

Heinrich é um conhecido marxista alemão que publicou amplamente sobre sua interpretação da forma de valor a partir da teoria do valor de Marx. O seu trabalho é influente não apenas na Alemanha, mas também no Reino Unido e em outros países da Europa e ao redor do mundo. Ele critica a interpretação tradicional da teoria do valor-trabalho, segundo a qual o valor das mercadorias é determinado unicamente na produção, e argumenta que o valor só é criado quando é convertido em dinheiro pela venda de mercadorias no mercado.

Moseley é um dos maiores estudiosos da teoria econômica marxista do mundo. Escreveu ou editou muitos livros sobre teoria marxista. Em vez disso, ele considera que Marx apresentou uma teoria do valor-trabalho segundo a qual o valor das mercadorias é determinado unicamente na produção pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzir as mercadorias. E Moseley argumenta em seu livro que a evidência textual no capítulo 1 apoia esmagadoramente sua interpretação da teoria do valor-trabalho de Marx.

A relevância e a importância desse debate podem parecer obscuras para muitos leitores de Marx. Então, Fred Moseley gentilmente concordou em ser entrevistado sobre seu novo livro, assim como sobre a polêmica com Heinrich.

**MR: Como surgiu esse livro?**

**FM:** Em primeiro lugar, quero agradecer a oportunidade de discutir meu livro com você e seus muitos leitores.

O livro de Heinrich citado acima é um estudo textual detalhado dos primeiros sete capítulos de *O Capital*. Heinrich não é muito conhecido nos Estados Unidos, mas é muito influente na Alemanha e em outros países europeus. Ele é como o David Harvey da Europa. Mas como estou convencido de que o livro de Heinrich é uma interpretação fundamentalmente errônea da teoria de Marx, decidi dar uma olhada crítica no livro de Heinrich.

# a terra é redonda

Comecei escrevendo um artigo sobre o capítulo 1, os fundamentos da teoria de Marx e a interpretação de Heinrich. Apresentei esse artigo em uma conferência em junho de 2021 patrocinada pela Universidade Nacional de Gyeongsang, na Coreia do Sul. A editora-assistente da série Marx, Engels e Marxismo de Palgrave, Paula Rauhala, viu minha apresentação e entrou em contato comigo e sugeriu que eu escrevesse uma versão mais longa do meu artigo como um livro Palgrave Pivot. A Série de Livros Pivot é a nova iniciativa de livros curtos da Palgrave, com um limite de 50 mil palavras (que eu ultrapassei em 10 mil palavras!). Agradeço à Paula por essa sugestão. Esse livrinho é o resultado de sua iniciativa

**MR: Por favor, dê-nos uma visão geral do seu livro.**

**FM:** “Meu livrinho é um estudo textual detalhado do capítulo 1 de Marx e da interpretação de Heinrich do capítulo 1. O livro é composto por apenas 4 capítulos.

O capítulo 1 deste livro apresenta minha interpretação da teoria do valor de Marx no capítulo 1 de *O capital*, incluindo uma seção sobre cada uma das quatro seções do capítulo 1 de Marx. O capítulo 2 apresenta a interpretação de Heinrich do capítulo 1 de *O Capital* e minha crítica detalhada da interpretação de Heinrich, com as mesmas quatro seções.

O capítulo 3 trata de um manuscrito de 55 páginas que Marx escreveu em 1872 em preparação para a segunda edição alemã do volume 1, que trata principalmente da seção 3 do capítulo 1, intitulada “Adições e mudanças ao primeiro volume de *O capital*”, cuja importância Heinrich enfatizou em seu livro e em obras anteriores no sentido de fornecer suporte textual para sua “interpretação da forma de valor” do Capítulo 1.

Este importante manuscrito ainda não foi traduzido para o inglês. Uma tradução de um trecho de quatro páginas deste manuscrito está incluída no livro de Heinrich como um apêndice. Assim, o capítulo 3 do meu livro apresenta minha interpretação desse manuscrito e uma crítica à interpretação de Heinrich. Uma tradução completa deste manuscrito deve ser uma prioridade para os estudiosos marxistas.

Meu livro é teoricamente muito abstrato, na parte mais abstrata da teoria de Marx, o início da teoria de Marx em que ele apresenta os fundamentos de sua teoria do valor-trabalho. Marx disse no Prefácio à primeira edição do Volume 1 de *O Capital* que “os começos são sempre difíceis em todas as ciências”; ora, isso é muito verdadeiro para a teoria de Marx. A melhor maneira de ler meu livro é ter o livro de Heinrich e o volume 1 de *O Capital* em mãos.

**MR: Como você resumiria as principais conclusões do seu livro?**

**FM:** As principais conclusões do meu livro são as seguintes:

1. O objeto de análise no Capítulo 1 é a *mercadoria*, não uma mercadoria separada e isolada, mas uma mercadoria representativa, uma mercadoria que representa todas as mercadorias e as propriedades que *todas as mercadorias têm em comum* (valor de uso e valor de troca). No Prefácio à Primeira Edição, Marx descreveu a mercadoria como a “forma elementar” ou a “forma celular” da produção capitalista. Assim, Marx analisa as propriedades de um bem representativo de maneira semelhante a como a biologia celular analisa as propriedades de uma célula representativa. É como colocar uma mercadoria sob um microscópio e analisar suas principais propriedades.

O bem representativo de Marx no Capítulo 1 deveria ter sido *produzido, mas ainda não trocado*. Isso é crucial para a crítica da interpretação de Heinrich. Segundo Heinrich, o objeto de análise no Capítulo 1 não são as propriedades de um bem representativo, mas o que ele chama de “*relação de troca*” entre dois bens, que ele diz ser o resultado final de *duas trocas reais* entre os dois bens e dinheiro no mercado.

2. O valor das mercadorias é derivado na Seção 1 do Capítulo 1 a partir da propriedade do *valor de troca da mercadoria representativa* (ou seja, da propriedade de que cada mercadoria é *igual a todas as outras mercadorias em proporções*

*definidas*). E essa relação geral de igualdade entre toda mercadoria e toda mercadoria *requer uma propriedade comum* possuída por todas as mercadorias e que determina as proporções em que as diferentes mercadorias são iguais.

Marx argumentou que essa propriedade comum de todas as mercadorias que determina seus valores de troca é o trabalho humano abstrato objetivado contido nas mercadorias. E isso é resultado do trabalho humano abstrato investido na produção de mercadorias.

Segundo Heinrich, por outro lado, o valor das mercadorias não deriva de uma relação de igualdade entre todas as mercadorias, mas deriva de uma análise de uma *“relação de troca”* entre duas mercadorias que, segundo ele, *pressupõe trocas reais* das duas mercadorias com dinheiro no mercado.

3. A magnitude do valor de cada mercadoria é *“exclusivamente determinada”* pela quantidade de *tempo de trabalho socialmente necessário despendido na produção* para produzir cada mercadoria. Heinrich argumenta, por outro lado, que a magnitude do valor de um bem depende, em parte, da relação entre *oferta e demanda pelo bem* no mercado. Este é o pressuposto mais conhecido da interpretação da forma do valor na teoria do valor de Marx.

4. O trabalho produtor de mercadorias tem um *duplo caráter na produção*: tanto o trabalho concreto quanto o abstrato são características do mesmo processo de trabalho na produção. A seção 2 do Capítulo 1, em particular, apresenta evidências textuais muito fortes para apoiar essa interpretação do caráter dual na *produção* do trabalho produtor de mercadorias.

Tecelagem e confecção de roupas são os dois exemplos de Marx na Seção 2. O processo de trabalho da tecelagem produz o valor de uso linho. Devido ao caráter dual, o trabalho humano abstrato produz o valor do linho. O mesmo caráter dual se aplica ao processo de trabalho de confecção (assim como em todas as outras atividades de trabalho particulares). Os valores de linho e tecelagem são comparados por meio da identificação dos tempos de trabalhos necessários para produzir cada uma das mercadorias. *Nada é dito sobre troca nesta seção.*

Heinrich sustenta, por outro lado, que o trabalho na produção é apenas trabalho concreto e que aí ainda não é trabalho abstrato. O trabalho abstrato *só existe em troca* e, portanto, o caráter dual do trabalho produtor de mercadorias só existe em troca. De acordo com a interpretação de Heinrich, o vestuário e a tecelagem (e qualquer outro processo de trabalho) possuem um único caráter na produção, não um caráter dual. Esta interpretação é claramente contrariada pela Seção 2.

**MR: Por favor, conte-nos mais sobre a interpretação de Heinrich dos “termos de troca”. Esse parece ser um conceito central na interpretação de Heinrich.**

**FM:** “O conceito de ‘termos de troca’ de Heinrich é completamente original e dele próprio. Ninguém mais coloca tanta ênfase nesse conceito e o define quanto ele. E é um conceito novo em sua interpretação; não foi incluído em seu livro de 2012 *Introdução ao Capital de Marx*. E, infelizmente, ele não explica muito bem neste livro, especialmente para um conceito tão fundamental.

Não há nada em sua Introdução sobre esse conceito. Há apenas algumas páginas em um apêndice no final do livro sobre as abstrações que resultam nesse conceito (ao qual ele não se refere uma vez no resto do livro). E, a partir daí, ele simplesmente toma sua interpretação dos termos da troca como certa e a aplica a diferentes passagens do texto de Marx.

Tenho certeza de que a maioria dos leitores de Marx (especialmente os leitores iniciantes) não entenderão o significado e a importância do conceito de Heinrich dos termos de troca em sua interpretação. Um jovem estudioso de Marx da Austrália escreveu uma resenha de 2 mil palavras do livro e da Filosofia de Heinrich Marx e não mencionou o conceito de termos de troca. Eu mesmo tive que trabalhar bastante para entendê-lo por que é muito mal apresentado.

Heinrich define os *termos de troca* como uma troca entre duas mercadorias. Tomemos um de seus exemplos extraídos de Marx:

# a terra é redonda

*1 litro de trigo é trocado por x betume.*

Heinrich comenta que essa definição parece uma troca direta de escambo entre duas mercadorias, mas afirma que esse não é o caso, porque o escambo direto raramente ocorre sob o capitalismo. Em vez disso, Heinrich interpreta *a relação de troca entre duas mercadorias como o resultado final de dois atos reais de troca entre as duas mercadorias e o dinheiro no mercado*. Desta forma...

*1 litro de trigo é vendido por 10 xelins e 10 xelins é usado para comprar x betume de bota*

O ponto importante é que o conceito de Heinrich da relação de troca entre duas mercadorias *pressupõe* trocas reais entre essas duas mercadorias e o dinheiro no mercado. Heinrich não especifica claramente se esses atos de troca que são pressupostos em sua interpretação da relação de troca são assumidos como atos *reais* de troca no mercado. No entanto, eles devem ser atos reais de troca para serem consistentes com a interpretação geral de Heinrich da forma de valor, segundo a qual as mercadorias só possuem valor se tiverem sido efetivamente trocadas no mercado.

Antes da troca real, de acordo com a interpretação de Heinrich, as mercadorias não possuem valor (na verdade, os produtos nem sequer são mercadorias) antes da troca. Os produtos do trabalho tornam-se mercadorias e as mercadorias só passam a possuir valor *como resultado das trocas reais no mercado*. Portanto, uma vez que as mercadorias que Marx discute na Seção 1 (por exemplo, trigo e betume) devem possuir valor, a fim de ser consistente com a interpretação geral de Heinrich da forma de valor, ele também deve assumir que essas mercadorias foram realmente vendidas e compradas no mercado. Se as mercadorias não tivessem sido realmente trocadas no mercado, então essas mercadorias não teriam valor, de acordo com a interpretação geral de Heinrich da forma de valor.

No entanto, não há *absolutamente nenhuma evidência textual* em nenhum dos vários rascunhos do Capítulo 1 de Marx para apoiar a interpretação peculiar de Heinrich da relação de troca entre duas mercadorias: que ela pressupõe atos reais de troca entre essas duas mercadorias e o dinheiro no mercado. Essa interpretação é invenção de Heinrich. Ele não cita nenhum outro autor com interpretação semelhante dos termos de troca, porque não há. E os termos de troca é o conceito mais importante na interpretação de Heinrich do Capítulo 1. Se seu conceito fundamental dos termos de troca é uma interpretação equivocada da teoria de Marx, então o resto da interpretação de Heinrich do Capítulo 1 é uma interpretação equivocada e é inaceitável.

Penso que está claro que o objeto de análise no Capítulo 1 *é a mercadoria, uma mercadoria representativa que é usada para analisar as propriedades que todas as mercadorias têm em comum: valor de uso e valor*. O capítulo 1 não é sobre troca. O bem discutido no Capítulo 1 foi produzido, mas ainda não trocado. A troca não é considerada até o Capítulo 2 ("O Processo de Troca").

Ao longo das últimas semanas, enquanto me preparava para a palestra do HM e para esta entrevista, percebi mais claramente que há uma contradição fundamental no que Heinrich está tentando realizar em seu recente livro. Em seus trabalhos anteriores, ele apresentou (muitas vezes e em todo o mundo) uma forte interpretação da forma de valor da teoria do valor de Marx, segundo a qual o valor de uma mercadoria só existe como resultado de uma troca real no mercado.

Antes da troca, uma mercadoria não tem valor (só possui valor de uso). Para obter evidências textuais que sustentem essa interpretação, ele usou um punhado de passagens-chave retiradas de vários textos de forma isolada e fora de contexto. Como sabemos, sempre é possível encontrar passagens que parecem apoiar quase qualquer interpretação da teoria de Marx. E Heinrich é muito bom neste jogo.

No entanto, seu livro mais recente é diferente: é uma tentativa de interpretar os primeiros sete capítulos do Volume 1, especialmente o Capítulo 1, como uma teoria da forma do valor – e que Marx foi o primeiro teórico do valor! Heinrich vai de página em página no Capítulo 1 e consistentemente tenta interpretar passagens-chave em termos da forma de valor. Esta é uma tarefa muito difícil porque há muitas passagens nesses capítulos, especialmente no capítulo 1, que

*contradizem* uma interpretação da forma de valor. Na verdade, na minha opinião, a tarefa de Heinrich é *impossível*. Meu livro segue seus comentários detalhados ponto por ponto e expõe os erros em sua interpretação da forma de valor.”

**MR: Qual foi a principal discordância entre você e Heinrich no lançamento de seu livro durante a recente conferência do *Historical Materialism*?**

**FM:** Não será surpresa que a principal divergência na sessão tenha sido sobre o significado de “*termos de troca*” em dois parágrafos da Seção 1. Ele argumentou que eu interpretei mal o conceito de Marx da relação de troca, não como um ato de troca entre duas mercadorias, mas como uma relação de igualdade entre duas mercadorias, e que eu simplesmente substituí o significado de Marx nas duas passagens pelo que para mim significa relação de troca. E argumentou que essas duas passagens são evidências de que a Seção 1 olha para as mercadorias individuais como parte de um termo de troca.

Mas isso não é verdade. Não me limitei a substituir o significado dos termos de troca pelo significado de Marx nesses parágrafos. Em vez disso, argumentei que a relação de troca nesses parágrafos é *sinônimo de valor de troca*. O valor de troca de cada mercadoria é definido nos parágrafos anteriores da seção 1 como a propriedade de cada mercadoria que é *igual* a todas as outras mercadorias em proporções definidas e mutuamente consistentes. Isso implica que todas as mercadorias possuem uma propriedade comum que determina as proporções em que as diferentes mercadorias são iguais. Portanto, a relação de troca entre duas mercadorias nesses parágrafos é também uma relação de igualdade entre duas mercadorias, implicando a necessidade de uma propriedade comum possuída por cada uma delas.

Em vez disso, argumentei que Heinrich é quem entende mal o conceito de Marx da relação de troca com sua definição bizarra como o resultado das trocas reais entre as duas mercadorias e o dinheiro no mercado. Não há absolutamente nenhuma evidência textual que apoie essa interpretação das trocas reais de mercado pressuposta no Capítulo 1. Minha interpretação dos termos de troca como uma relação de igualdade entre mercadorias é muito mais razoável e plausível do que a interpretação complicada e peculiar de Heinrich do resultado final das trocas reais entre mercadorias e dinheiro no mercado.

**MR: Há outros pontos que gostaria de destacar?**

“Também quero mencionar a interpretação incomum de Heinrich da palavra ‘comum’ na *derivação do valor de Marx na Seção 1* – que o valor é a propriedade *comum* das mercadorias que determina seus valores de troca – porque é um ponto importante em sua interpretação que ele enfatizou em todos os seus escritos. incluindo o livro que ele reveio.

Tomemos o parágrafo final da derivação de valor de Marx na p. 128: “Tudo o que essas coisas agora nos dizem é que a força de trabalho humana é gasta para produzi-las, o trabalho humano é acumulado nelas. Como cristais dessa substância social comum a todos eles, são valores: valores mercantis. Argumento que o significado que Marx dá a “comum a todos” *nesta* passagem é o significado usual de “comum”, ou seja, que cada mercadoria individual possui a mesma propriedade por si mesma, por si mesma.

Heinrich argumenta, por outro lado, que o significado de “comum” nesta passagem e em outras passagens é ambíguo: isto é, também poderia significar uma propriedade que cada mercadoria individual possui, não por si só, mas apenas *junto com outra mercadoria no mesmo lugar*. uma relação de troca (novamente relação de troca!), e é isso que Marx quer dizer aqui e alhures quando diz que o valor é uma propriedade das mercadorias. Segundo Heinrich, fora de uma relação de troca, uma mercadoria individual não possui a “propriedade comum” do valor.

No entanto, não acho que o significado de Marx de “comum a todos” seja ambíguo; Marx afirma que a propriedade comum das mercadorias é o trabalho humano acumulado nelas como resultado do trabalho usado para produzi-las (cada uma delas), anterior e independente de sua troca com outra mercadoria. Nada é dito sobre a troca e as relações de troca nesta passagem chave final.

Três parágrafos antes da passagem que acabamos de citar, Marx apresenta um exemplo geométrico da área como propriedade comum de diferentes figuras geométricas. A área é uma “propriedade comum” de cada figura, independentemente de sua comparação com a área de outra figura. A semelhança entre a área das figuras geométricas e o valor das mercadorias é que, em ambos os casos, os objetos possuem uma propriedade comum, *independentemente* de uma comparação quantitativa entre eles. Heinrich não comenta esse exemplo geométrico esclarecedor que contradiz sua interpretação de que o elemento comum do valor é criado na própria troca. Claramente, a área das figuras geométricas não é criada comparando *suas* áreas.

Outro ponto que gostaria de mencionar. Ao trabalhar neste livro, notei pela primeira vez que Marx usou repetidamente a expressão “valor próprio” de uma mercadoria individual na Seção 3 do Capítulo 1 (sete vezes); Por exemplo, o “valor próprio” de 10 *jardas de linho* ou o “valor próprio” de um casaco. Os valores próprios de linho e pelagem são comparados e equiparados, mas nada é dito sobre troca.

Essas passagens são evidências textuais claras e inequívocas de que cada mercadoria individual possui seu “próprio valor”, independentemente dos atos de troca entre mercadorias e dinheiro no mercado. Isso contradiz diretamente a interpretação de Heinrich de que uma mercadoria individual só possui valor se tiver sido realmente trocada por dinheiro no mercado. Heinrich cita apenas 3 dessas 7 passagens de “autoestima” e apresenta poucos ou nenhum comentário sobre qualquer uma delas. Por duas vezes ele cita as frases que o acompanham, mas não essas frases reveladoras.”

## **MR: O que esse debate sobre os detalhes da teoria do valor de Marx significa no quadro geral?**

**FM:** Acho que é importante esclarecer os detalhes da teoria do valor de Marx, porque ela é o fundamento da teoria da mais-valor de Marx como teoria da exploração no capítulo 4, ainda do volume 1. E a teoria do valor é também a base da sua teoria da queda da taxa de lucro e das crises que você tão bem apresentou em seu próprio trabalho. No Prefácio à primeira edição de *O Capital*, Marx afirmava: *“Para o observador superficial, a análise dessas formas [a forma mercadoria do produto do trabalho e a forma valorativa da mercadoria] parece girar em torno de minúcias. Na verdade, ele lida com minúcias, mas também com anatomia microscópica.”* A anatomia microscópica é necessária para entender os corpos orgânicos e, da mesma forma, a teoria do valor de Marx é necessária para entender a economia capitalista.

Meu livro trata especificamente do livro de Heinrich, mas ele se aplica à interpretação da forma valorativa da teoria de Marx em geral. E minha conclusão é que *a teoria do valor de Marx não pode ser razoavelmente interpretada como uma teoria da forma do valor*. Acho que essa é uma conclusão importante. Devemos abandonar a interpretação valor-forma da teoria de Marx.

Estou preocupado com a influência de Heinrich na compreensão da teoria de Marx. Sua interpretação é muito influente na Alemanha e em outras partes do mundo, especialmente entre os jovens. E estou convencido de que isso é fundamentalmente uma interpretação equivocada da teoria de Marx. É por isso que acho importante abordar sua interpretação, por mais popular que seja, mas errônea. Espero que meu livro seja lido especialmente pelos jovens e os encoraje a fazer um estudo mais profundo da teoria do valor de Marx no capítulo 1 de *O Capital* e Além.

## **Permitam-me que eu, Micahel Roberts, acrescente ao que penso serem as questões mais amplas decorrentes deste debate entre Heinrich e Moseley.**

Marx assim se expressou: *“Assim como a mercadoria é a unidade imediata do valor de uso e do valor de troca, assim também o processo de produção, que é o processo de produção de uma mercadoria, é a unidade imediata do processo de trabalho e do processo de valorização”*. Então, para Marx, é o processo de produção, o esforço do trabalho humano que cria valor. Como Marx disse certa vez: *“Toda criança sabe que qualquer nação que deixasse de funcionar, não por um ano, mas, digamos, apenas por algumas semanas, pereceria. E toda criança também sabe que as quantidades de produtos correspondentes às diferentes quantidades de necessidades exigem quantidades diferentes e quantitativamente determinadas do trabalho agregado da sociedade.”*

# a terra é redonda

A abordagem valor-forma de Heinrich é implicitamente uma abordagem simultaneísta. Sua característica é a crença de que o valor surge apenas no momento de sua realização no mercado. Consequentemente, a produção e a realização colapsam e o tempo desaparece. Mas o processo de produção e circulação (troca) não é simultâneo, mas tem temporalidade. No início da produção, há insumos de matérias-primas e ativos fixos de um período de produção anterior. Assim, já há valor (trabalho constante ou “trabalho morto”) na mercadoria *antes* da troca. Em seguida, a produção ocorre para fazer um novo bem usando o trabalho humano. Isso cria um valor “potencial”, que é realizado mais tarde (em uma quantidade modificada) quando vendido.

Mas por que tudo isso importa? Para mim, a teoria do valor de Marx tenta mostrar a contradição fundamental no capitalismo entre produção para necessidades sociais (valor de uso) e produção para lucro (valor de troca). No capitalismo, as unidades de produção são mercadorias que têm um caráter dual que personifica essa contradição.

Para Marx, o dinheiro é um representante do valor, não o valor em si. Se pensarmos que o valor só é criado vendendo a mercadoria por dinheiro e não antes, então a teoria do valor-trabalho é desvalorizada e se torna uma teoria do dinheiro. Assim, como argumenta a economia neoclássica convencional, não precisamos de uma teoria do valor-trabalho porque o preço do dinheiro é suficiente. Os preços monetários são o que a economia mainstream analisa, ignorando ou descartando o valor da força de trabalho humana e, portanto, a exploração do trabalho pelo capital para obter lucro. Elimina a contradição básica da produção capitalista.

Além disso, leva à falta de compreensão das causas das crises na produção capitalista. Não é por acaso que Heinrich descarta a lei da lucratividade de Marx como ilógica, “indeterminada” e irrelevante para explicar as crises e, em vez disso, considera o crédito excessivo e a instabilidade financeira como causas. Heinrich chega a afirmar que nos últimos anos Marx abandonou sua lei da lucratividade, [embora não haja evidências disso](#).

Se os lucros (mais-valia) do trabalho humano desaparecerem de qualquer análise para serem substituídos pelo dinheiro, então não teremos mais uma teoria marxista da crise e nenhuma teoria da crise.

**\*Michael Roberts** é economista. Autor, entre outros livros, de *The great recession: a marxist view* (Lulu Press). [<https://amzn.to/3ZUjFFj>]

Tradução: **Eleutério F. S. Prado**.

Publicado originalmente em *The next recession blog*.

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**